

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vivian dos Santos Lima Lopes

CIRANDA MUSICAL: O DESPERTAR DA ORALIDADE

Belo Horizonte

2012

Vivian dos Santos Lima Lopes

CIRANDA MUSICAL: O DESPERTAR DA ORALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Starling Bosco

Belo Horizonte

2012

Vivian dos Santos Lima Lopes

CIRANDA MUSICAL: O DESPERTAR DA ORALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Starling Bosco

Aprovado em ____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Cláudia Starling Bosco – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Flor de Maio Barbosa Benifica – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho de Conclusão de Curso de Especialização aos meus pais, irmã, familiares, esposo e amigos que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização desta minha formação.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida;

Ao meu pai Sérgio, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo, homem pelo qual tenho maior orgulho de chamar de pai, meu eterno agradecimento pelos momentos em que esteve ao meu lado, me apoiando e me fazendo acreditar que nada é impossível, pessoa que sigo como exemplo, pai dedicado, amigo, batalhador, que abriu mão de muitas coisas para me proporcionar a realização deste trabalho;

À minha mãe Lucinéia (in memória), por ter sido tão dedicada e amiga, pessoa que mais me apoiou e acreditou na minha capacidade, meu agradecimento pelas horas em que ficou ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo;

À minha irmã pelo carinho e atenção que sempre teve comigo.

Ao meu amigo e esposo Marcelo, pelo carinho e pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva;

Aos amigos que fiz durante o curso: sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa;

À minha orientadora, professora Cláudia Starling Bosco, pelos ensinamentos e dedicação dispensados no auxílio à concretização desse trabalho;

À todos os professores do curso, pela paciência, atenção, confiança, incentivo e empenho disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho e conseqüentemente para minha formação profissional;

Por fim, agradeço a todas as pessoas do meu convívio que acreditaram e contribuíram, direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado, meu eterno AGRADECIMENTO.

Tudo que vier a desenvolver a percepção, a capacidade de reflexão e o senso crítico do aluno, no momento certo de cada passo da aprendizagem, certamente virá verdadeiramente enriquecer e amadurecer todo o processo. O professor deverá saber discernir com clareza, as sutis diferenças: o que é necessário e importante em cada instante da jornada pedagógica e aquilo que é inútil e descartável ou que apenas entrava o caminho. Subestimar os alunos é reprimi-los, é tolher o fluxo natural de suas possibilidades. No mesmo sentido, massacrá-los com exigências acima de suas capacidades, até a impotência, é anular a sua autoestima, a sua autoconfiança e a predisposição para o estudo (REIS, 1996, p.88).

RESUMO

Esta pesquisa constituiu-se em uma proposta de análise sobre a importância do trabalho com a oralidade no primeiro ciclo da Educação Infantil, numa turma de crianças de um a dois anos de idade. O projeto conjugou a pesquisa bibliográfica e a pesquisa empírica. A pesquisa bibliográfica se deu através de estudos na área da linguagem oral e sua importância na vida da criança. Para análise dessas situações, tomou-se por base os pressupostos teóricos das Proposições Curriculares da Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, entre outros, buscando dialogar com a realidade observada a partir de situações de aprendizagem. A pesquisa empírica foi realizada a partir da execução de um projeto de intervenção em uma UMEI em Belo Horizonte, tendo a duração de aproximadamente 5 meses. Experiências sonoras, brincadeiras cantadas, recitação de poesias, contação de histórias, roda de conversa e principalmente audição e apresentação oral de músicas de gêneros variados serviram para analisar a importância do trabalho com a oralidade no primeiro ciclo da Educação Infantil.

Palavras chaves: Educação Infantil, Oralidade, Criança.

ABSTRACT

This research consisted of a proposal and analysis on the importance of working with orality in the first cycle of Early Childhood Education, a group of children from one to two years old. The project has combined the research literature and empirical research. The literature search was through studies in oral language and its importance in a child's life. To analyze these situations, has become based on the theoretical assumptions of Propositions Curriculum Early Childhood Education, the National Curriculum Reference Early Childhood Education, among others, seeking dialogue with the observed reality from learning situations. The empirical research was carried out from the implementation of an intervention project in a UMEI in Belo Horizonte, and lasted for about 5 months. Sound experiences, singing games, reciting poetry, storytelling, conversation wheel and mainly listening and oral presentation of songs from different genres were used to analyze the importance of working with orality in the first cycle of early childhood education.

Keywords: Children Education, Orality, Child.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	12
3. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE.....	14
4. A UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL AARÃO REIS.....	15
5. PERFIL DA TURMA DO RECORTE DE 1 A 2 ANOS DA UMEI AARÃO REIS – ANO 2011.....	17
6. A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
7. MUSICA E ORALIDADE.....	23
8. DESENVOLVENDO O PLANO DE AÇÃO.....	25
9. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXOS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida numa Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) da Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Belo Horizonte – MG, em uma turma de crianças de um a dois anos de idade.

Nesse trabalho o tema abordado foi a Oralidade em sala de aula, por meio da música, com o intuito de investigar de que forma a linguagem oral contribui para a formação da criança e como o professor pode contribuir na realização desse projeto.

No 1º ciclo da Educação Infantil cabe desenvolver com o aluno competências para ouvir e falar, levando em consideração que a fala está ligada à vida cotidiana. Diante dessa problemática, a questão é: as práticas educativas dos professores no contexto da Educação Infantil privilegiam a linguagem oral?

Quanto maior a riqueza de interações realizadas pela criança, melhor será seu desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, as experiências de oralidade que permitem uma participação ativa da criança em situações diversificadas podem favorecer um melhor desenvolvimento dos seus sentidos. Cabe ao professor incentivar a expressão oral das crianças durante as inúmeras atividades do dia a dia.

A partir deste pressuposto surgiu o meu interesse em pesquisar sobre esse tema, com o intuito de reforçar a importância da linguagem oral no cotidiano da Educação Infantil e estabelecer uma integração da escola na realização de práticas que valorizem ações que privilegiem este tipo de aprendizado para a criança.

O trabalho priorizou a influência da musicalidade na aquisição e desenvolvimento da linguagem oral das crianças, a partir do envolvimento delas em diversas situações musicais; além da observação diária de suas reações aos estímulos proporcionados em brincadeiras, histórias, na recepção delas na escola e outras oportunidades oferecidas pela professora referência do projeto. A pesquisa tratou, ainda, da sensibilização da criança na relação com a música, na valorização da expressão corporal e no valor cultural contido nas diversas manifestações musicais.

O trabalho teve início com uma Fundamentação Teórica, quando no primeiro momento tratou de um breve histórico da Educação Infantil, da história da UMEI e do perfil da turma que contribuiu para a realização do mesmo. Em seguida, foi abordado um pouco da linguagem oral, sua aquisição e desenvolvimento. Logo

após, a relação da música com o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil, foi citada; em sequência, a metodologia utilizada nesse projeto foi apresentada, citando a pesquisa de campo através dos registros feitos a partir das observações realizadas no processo de execução da pesquisa.

O trabalho é finalizado com a análise e discussão de todo o material produzido no momento em que se deram os Resultados e as Discussões. E para uma maior explanação do tema, colocando as dificuldades e conquistas do trabalho, foram elaboradas as considerações finais, seguidas das Referências.

Objetivo Geral

Investigar como as práticas educativas dos professores no contexto da Educação Infantil podem privilegiar a linguagem oral em turmas de crianças de 1(um) a 2 (dois) anos de idade, a partir da musicalidade.

Objetivos Específicos

- Identificar os momentos em que a interação professor – aluno acontece com maior ênfase na oralidade;
- Analisar a influência exercida pela música na formação das crianças durante a execução do projeto;
- Reconhecer avanços no processo de aquisição da oralidade pelos alunos através da musicalidade.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A nova demanda do processo de urbanização no país no final do século 70 foi um marco importante para o processo de institucionalização da Educação Infantil no Brasil (BATISTA, 2006). Com a intensificação do processo de inserção das mulheres no mercado de trabalho, surge um “problema”: Onde as crianças, que até então estavam a cargo exclusivo da mãe e de alguns familiares, iriam ficar? Era necessário que o Estado interviesse, “providenciando” um lugar e pessoas para cuidar dessas crianças; pois afinal o País não podia “parar”.

Atrelados a essa nova demanda de desenvolvimento no país, alguns fatores foram determinantes para a criação de instituições de Educação Infantil; entre eles pode-se destacar o perigo que as ruas urbanizadas ofereciam às crianças e a emergência de movimentos sociais que lutavam por melhores condições de vida para as famílias brasileiras. Iniciava-se, então, a complexa trajetória de constituição da Educação Infantil no País, com ênfase nas ações de cuidado e proteção.

Nos anos 80, com o movimento das camadas populares que reivindicavam ampliação de acesso à escola e melhoria na qualidade do atendimento às crianças pequenas; a educação passa a ser reivindicada como direito da mesma e dever do Estado. Em resposta a esses fatores, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) em 1988 a Constituição Federal Brasileira reconhece a educação como um direito social da criança e dever do Estado.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988. Artigo 227).

O reconhecimento da criança como um Ser de direito a uma educação de qualidade expressos no novo ordenamento legal, foram fundamentais para alavancar o avanço de elaboração e proposição de políticas públicas para a infância. Dentre os marcos legais podemos destacar o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) reafirma o dever do Estado em assegurar o direito da criança a uma educação de qualidade; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LEI 9394 (BRASIL, 1996) inclui, no seu

artigo 21, a Educação Infantil como etapa da Educação Básica.

Art.21. A educação escolar compõe-se de :

I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996).

Nos artigos 29 e 30, dessa mesma lei, é ressaltada a finalidade da Educação Infantil, destacando a integralidade da formação da criança e definidos os termos creches e pré-escolas associando-os tão somente à idade das crianças a serem atendidas.

Art.29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996).

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de zero até três anos de idade.

II - pré-escola, para as crianças de quatro a seis anos de idade (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996).

A lei estabelece ainda que a responsabilidade pela Educação Infantil fique a cargo dos municípios, como estabelece o inciso V do seu artigo 11:

Art. 11. Os municípios incumbir-se-ão de: oferecer à educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental permitido a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino. (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996).

Aos municípios foi atribuído o dever de ofertar, supervisionar tal etapa da educação, criando e mantendo instituições públicas, bem como credenciando, autorizando e supervisionando as instituições privadas.

Assim como o Ensino Fundamental, a Educação Infantil segue alguns princípios básicos como: construção de propostas pedagógicas e exigência de um profissional capacitado para ministrar as aulas: o professor.

Para melhor atender às especificidades da Educação Infantil, de acordo com a LDBEN, o Brasil busca garantir acesso, permanência e ensino de qualidade às crianças de zero a seis anos, bem como caracterizando as instituições de Educação Infantil como espaços educativos e os profissionais responsáveis por essa educação, como sujeitos capazes de produzir conhecimento, dominar suas práticas pedagógicas e criar formas adequadas ao ensino dos conteúdos e demais experiências a serem proporcionadas às crianças.

3. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

Em consonância com os movimentos sociais ocorridos no País nos anos 70, as mulheres do município de Belo Horizonte organizaram movimentos sociais que buscavam, entre outros objetivos, a melhoria de vida das famílias carentes que necessitavam de um lugar para suas crianças ficarem enquanto trabalhavam. Um deles ganhou destaque no cenário municipal: o Movimento de Luta Pró-Creche.¹

A partir de então, uma política educacional que visa garantir o direito da criança pequena ao acesso, permanência e ensino de qualidade, paralelo à preocupação com o cuidado e a proteção da mesma, tem sido construída de forma gradativa com a construção de novas Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEI's); sendo que, no ano de 2003, foi promulgada a lei municipal 8679/03, que criou o cargo de educador infantil para o município de Belo Horizonte, com o objetivo de oferecer atendimento público às crianças de zero a cinco anos e oito meses.

A Rede Municipal de Educação se propõe a atender, prioritariamente, nas escolas municipais de Educação Infantil, nas turmas de Educação Infantil das escolas de Ensino Fundamental, bem como nas UMEI's, a população infantil portadoras de necessidades especiais e crianças sob medida protetiva encaminhadas pelos juizados e órgãos competentes. Do restante das vagas, 70% são destinadas às crianças em situação de vulnerabilidade social, 10% sorteadas para as famílias que residem ou trabalham numa distância de até 1Km da instituição e os últimos 20% para o sorteio geral de todas as inscrições feitas.

Nessa perspectiva, pretende-se que a escola de Educação Infantil seja reconhecida como espaço educativo que possibilita vivências e experiências, organizadas de maneira intencional, a fim de garantir o desenvolvimento integral das crianças. Dessa forma, Belo Horizonte já mostra avanços no que diz respeito ao reconhecimento social da instituição de Educação Infantil, que deixa de ser o espaço de “guarda” ou de preparação para a entrada no Ensino Fundamental para constituir o espaço do cuidar e educar a partir de intencionalidades educativas definidas.

¹MLPC – movimento social, apartidário e sem fins lucrativos, surgiu em 1979 em Belo Horizonte – MG, impulsionado por mães trabalhadoras com objetivo de encontrar ambientes educativos que cuidasse de suas crianças. É mantido com recursos provenientes das creches conveniadas, atualmente totalizando 25 creches. Sua sede localiza-se no bairro Salgado Filho em Belo Horizonte – MG.

4. A UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL AARÃO REIS

O bairro no qual está localizada a UMEI Aarão Reis fica na região Norte de Belo Horizonte. É um bairro antigo e tipicamente residencial. As ruas são, em sua grande maioria, pavimentadas, com rede de esgoto e saneamento básico e rede de energia elétrica. Possui um posto de saúde com atendimento psicológico, odontológico e de assistência social. O bairro possui, também, várias linhas de transporte coletivo, incluindo alguns dos quais integrados ao metrô. Possui um parque ecológico, que além de oferecer lazer, por meio de áreas com brinquedos em seu interior, proporciona aos moradores e visitantes, momentos de interação e harmonia com a natureza.

Dados levantados pelas fichas individuais de alunos, preenchidas pelas famílias da UMEI no início de cada ano letivo, permite-nos traçar um breve perfil da comunidade. São famílias, compostas, em sua grande maioria por no mínimo cinco pessoas (pais, irmãos, avós, tios, madrastas/padrastos, primos); e seus membros se auto declaram pardos e negros, seguidores das religiões católicas e evangélicas, com escolaridade que varia entre ensino fundamental completo e ensino médio incompleto. As profissões exercidas são variadas, com destaque para aquelas que prestam serviços informais (sem vínculo empregatício) e a renda familiar oscila entre um a quatro salários mínimos.

A UMEI surgiu após a promulgação da lei municipal 8679/03 que possibilitou a ampliação do atendimento às crianças de zero a cinco anos e oito meses em Belo Horizonte. A comunidade dessa região juntamente com o grupo de funcionários de uma Escola Municipal da região, percebendo a necessidade de atendimento às crianças de quatro a cinco anos do bairro, iniciou a organização de movimentos que reivindicavam junto à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, uma ampliação de atendimento dessa instituição, sendo que, em agosto de 2002, a comunidade obteve uma resposta positiva a essas reivindicações.

A proposta era construir mais duas salas na Escola Municipal para o atendimento de cem crianças de quatro e cinco anos. Iniciou-se, então, uma série de discussões para repensar o processo dessa ampliação, pois somente a construção de duas salas não seria suficiente para garantir um atendimento de qualidade àquelas crianças; já que a instituição em questão, não tinha estrutura física para

atender às especificidades dessa fase da infância.

Após várias discussões, entre prefeitura, escola e associação comunitária, o impasse foi resolvido. Um terreno, onde funcionava a sede de uma associação comunitária foi cedido para construção de uma nova UMEI. Em março de 2005, a UMEI “abre suas portas” e inicia o atendimento para cerca de 250 crianças de zero a cinco anos e oito meses, tendo como escola pólo² a sua antiga parceira a Escola Municipal que participou desde o início da reivindicação pelo atendimento da criança menor de seis anos.

A UMEI, apesar de não possuir autonomia financeira, já que fica a cargo da sua escola pólo; está sempre em busca de oferecer as melhores condições de trabalho aos seus funcionários e de atendimento aos seus alunos e comunidades.

Atende cerca de 250 crianças, sendo 40 em horário integral na faixa etária de zero a dois anos e oito meses (7:00 às 17:30) e as demais em horários parciais na faixa etária de três anos a cinco anos e oito meses (7:00 às 11:30 ou 13:00 às 17:30). As vagas são distribuídas de acordo com normas pré-estabelecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A UMEI possui a seguinte estrutura física: oito salas de aula, quatro banheiros infantis e quatro adultos, uma cozinha com dispensa, um refeitório, uma lavanderia, um fraldário, um lactário, um pequeno espaço onde estão conjugadas a secretaria e a sala de vice - direção, uma pequena sala de professores, uma sala multiuso, um hall de entrada, uma pequena quadra de futebol, um teatro de arena com palco e arquibancada, um playground para os bebês e dois parquinhos.

O atual quadro de funcionários é composto por um vigia, dois porteiros, duas cozinheiras, uma auxiliar de cozinha, cinco auxiliares de serviços gerais, todos contratados pela Escola Municipal, com salários pagos pelo caixa escolar da mesma. Além disso, a UMEI conta ainda com uma auxiliar de secretaria e uma auxiliar de serviços gerais que são concursadas.

O corpo docente é formado por trinta e uma educadoras, também concursadas, ocupando as atuais funções: uma vice – direção, duas coordenações pedagógicas e as demais, educadoras que atuam nas salas de aula.³

²Escola pólo é uma escola da rede municipal de Belo Horizonte que é responsável pela parte administrativa de uma UMEI específica. As UMEIs e as escolas pólos compartilham de uma mesma direção, do mesmo caixa escolar e do mesmo colegiado.

³ Baseado no Projeto Político Pedagógico da Unidade Municipal de Educação Aarão Reis (UMEI).

5. PERFIL DA TURMA DO RECORTE DE 1 A 2 ANOS DA UMEI AARÃO REIS – ANO 2011

A Turma é composta por doze crianças; sendo seis meninos e seis meninas cuja faixa etária é de 15 a 24 meses. Todas essas crianças já frequentavam a instituição desde o ano de 2010 e conviveram com a rotina do berçário, o que pode ter facilitado a adaptação da maioria na sala do recorte de um a dois anos. Há, nessa turma, uma criança de inclusão que é portadora do diagnóstico de esquizencefalia bilateral, calcificações periventriculares e necessita de cuidados diferenciados, por isso, a mesma requer uma monitora de inclusão.

Quanto aos aspectos cognitivos e psicomotores, apenas uma criança ainda não adquiriu a marcha. As outras estão em desenvolvimento da mesma.

A linguagem oral está dentro do esperado nessa faixa etária. Associada a interações diárias que envolvem a comunicação da criança com a sociedade a construção é gradativa onde todos pronunciam palavras como papai, mamãe, nenê, entre outras.

As crianças demonstram interesse por diversos tipos de brinquedos, brincadeiras, histórias e canções. No aspecto sócio afetivo, elas têm boa relação com os adultos e entre si. São dinâmicas, alegres e curiosas, o que tende a facilitar o desenvolvimento delas durante todo o ano letivo.

Durante o ano, além da rotina para com os cuidados com a higiene, alimentação e saúde da criança, é visado o desenvolvimento de aspectos que abordem a coordenação motora geral através de atividades que envolvem a psicomotricidade.

No aspecto cognitivo, são realizados projetos com temas que envolvem a afetividade, a identidade pessoal, brinquedos e brincadeiras. Ainda neste segmento, são incluídos projetos que possam eventualmente surgir de acordo com a necessidade da turma.

O trabalho pedagógico com as crianças tem como referência as Proposições Curriculares para a Educação Infantil – documento elaborado pela Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e organizado tendo em vista os campos do conhecimento e as habilidades que pretende ser desenvolvidas em cada ciclo.

6. A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças da faixa etária de 0 até 6 anos estão vivenciando um período fundamental em que ocorrem as mais importantes descobertas relativas ao desenvolvimento da linguagem oral, havendo uma relação estreita entre o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Portanto, a linguagem oral deve se tornar também objeto de ensino direto e sistemático em sala de aula.

Para isso, não basta criar condições para que os alunos interajam oralmente com o professor e os colegas durante a realização das atividades escolares. É preciso também planejar atividades que favoreçam o desenvolvimento da reflexão sobre os usos sociais da língua oral em diferentes situações sociais; e propor atividades que envolvam debate, argumentação, exposição, relato de experiência, notícias, entrevistas, depoimento, dentre outros gêneros do discurso oral.

Ao nascer, as crianças têm capacidade, constituída geneticamente, de ouvir e emitir uma infinidade de sons. Ao entrar em um mundo de cultura em que as interações são mediadas, predominantemente, pela linguagem oral, a criança vai se relacionando com os sujeitos sociais e com os sons emitidos por eles e estes darão significado aos gestos e aos sons que a criança emite.

Nesse processo de interação social, a criança vai selecionando alguns sons e os testa nos momentos de balbúcio. Toda criança já nasce com um desempenho da língua em sua gramática mental. Esse vai sendo desenvolvido ao longo da exposição que a criança tem de determinada língua. Com tempo ela vai refinando e adquirindo ainda mais categorias, aspectos gramaticais que permitem a comunicação conforme a de um adulto sem problemas de linguagem.

Com o desenvolvimento da função simbólica, há o processo de interiorização dessa linguagem, que ainda estava colada aos objetos. Segundo Vygotsky (2001), é dessa forma que se constitui o pensamento verbal. A linguagem passa a comunicar o mundo interno e permite à criança sair do tempo imediato e do local presente, fazendo-a compreender e se expressar sobre objetos que estão ausentes.

Num processo contínuo de interação com os sujeitos da cultura que já possuem uma linguagem mais estruturada, a criança passa a expressar ações por meio de palavras-frase e depois de frases completas, desenvolvendo,

progressivamente, a capacidade de construir conceitos que lhes possibilitam se utilizar de categorias abstratas para organizar o mundo. No início, esses conceitos estão ainda muito ligados à experiência concreta das crianças e permite-lhes desenvolver a capacidade de generalização.

Nesse processo, gradativamente, a criança vai também adquirindo a capacidade de construir narrativas, isto é, de narrar sua própria experiência, transportando-se para além do tempo presente (passado, futuro). Através de uma estrutura organizada, em que os fatos têm causa e consequência, ela ultrapassa a possibilidade de apenas nomear os objetos, falando sobre as coisas e expressando seu mundo interior; e essa narrativa permite a construção de sua subjetividade e o compartilhamento de significados junto aos outros sujeitos da cultura.

Se essas importantes construções são, em grande parte, apropriadas pelas crianças exatamente na fase que coincide com o período da Educação Infantil, é fundamental que os professores que atuam nessa etapa educacional organizem seu trabalho de forma a favorecer, intencionalmente, a apropriação e o desenvolvimento dessa linguagem pelas crianças, ampliando suas possibilidades de interação com os sujeitos da cultura e construindo sua subjetividade.

Alguns professores, não acreditam nas possibilidades das crianças de se expressarem; e desconhecem que a linguagem e o pensamento se constroem num processo, por meio das interações entre sujeitos, ou simplesmente ignoram as manifestações e as falas das crianças. Desse modo, não as enriquecem, deixando de oferecer, intencionalmente, uma referência de linguagem para elas. Há aqueles, ainda, que, por não entenderem a complexidade subjacente à capacidade de generalização que se evidencia na linguagem das crianças, corrigem-nas, explicitamente, supondo que o erro na linguagem será memorizado.

Assim, tendo a clareza de que a linguagem oral, por meio da fala, da escuta e da compreensão, permeia quase todas as interações estabelecidas com as crianças, é necessário que o professor (a): converse; cumpra o papel de interlocutor, interpretando, traduzindo e organizando as falas; utilize uma linguagem clara e não infantilizada; seja uma referência da linguagem padrão sem, no entanto, exigir correção linguística e respeitando o desenvolvimento e a cultura de cada aluno; faça a mediação, organizando e sistematizando a fala do grupo, tanto no que se refere à postura (respeito a fala do outro, esperar sua vez) quanto ao conteúdo;

possibilite a fala de todos e favoreça a compreensão; amplie e enriqueça as falas; crie e potencialize situações para que as crianças possam construir narrativas; favoreça o acesso a vários tipos de textos orais que propiciem os diversos usos da linguagem; enriqueça o repertório de textos orais que constituem patrimônio cultural, favorecendo, assim, a vivência dos usos estéticos e expressivos da linguagem oral (HONORA, 2009).

A formação da linguagem oral ocorre em uma rede de comunicação. O que compete ao profissional que lida com a criança é enriquecer, melhorar sua linguagem, através da interação comunicativa.

O desenvolvimento da linguagem começa antes da criança nascer, pois dentro da barriga, o bebê já responde a sons e sensações vivenciadas pela mãe. O primeiro ano de vida é denominado de período pré-verbal e se caracteriza pelo lançamento das bases da comunicação entre o bebê e os que o rodeiam, iniciando as vocalizações e desenvolvendo as capacidades de diferenciar os sons. Inclui a emissão de sons que ainda não são palavras, como o choro e os murmúrios.

No decorrer do primeiro mês, o choro altera-se conforme as suas causas, como por exemplo: dor, fome, birra, solidão ou sono e até mesmo a famosa “manha”, que é a primeira constatação da criança de que a linguagem tem poder. Ela utiliza desse recurso para realizar a sua vontade.

Os sons começam a fazer sentido para o bebê de acordo com os significados que nós adultos damos para eles. É comum encontrar pais que passam parte de seu tempo conversando, estimulando e dando significado ao que o bebê faz; demonstrando que estão atentos e preocupados com o desenvolvimento de seus filhos. Infelizmente, há também bebês que recebem pouco ou nenhum estímulo, devido à falta de tempo dos pais; e que, conseqüentemente, estas crianças poderão apresentar um desenvolvimento tardio ou mais lento no desenvolvimento da linguagem oral. Há também diagnóstico de crianças com distúrbios de linguagem, que em um primeiro momento, não é percebido pelos pais. Essas inadequações só serão percebidas quando a criança estiver maior ou durante a vida escolar.

Com o tempo, o bebê descobre que ele também é um “fazedor de sons”, e este processo passa a ser muito estimulante. Esse som produzido pela criança, ainda sem significado, é chamado de balbúcio; e quando os adultos ao ouvirem a tentativa de fala do bebê, começam a dar significado a esse balbúcio, o bebê vai

percebendo que as pessoas ao seu redor usam uma forma de comunicação, e, com as estimulações do meio externo que vai recebendo, o padrão de produção linguística do bebê vai ficando cada vez melhor.

Dessa forma, percebe-se que é muito importante que a criança seja estimulada a falar, pois uma das coisas que diferencia os humanos dos outros animais é a presença da linguagem. Somente pela linguagem nos constituímos sujeitos, pois a comunicação representa a capacidade de transmitir informação, principalmente através da fala. Ninguém nasce falando, por isso esse estágio faz parte da natureza humana e se inicia para a criança quando ela passa a emitir os primeiros sons.

A apropriação da fala segue uma série de etapas de ordem crescente, porém pode apresentar ritmos de progressão variáveis, ou seja, é estipulado para cada idade cronológica certo desenvolvimento, no entanto, algumas interferências podem atrasar esse processo e a criança permanece mais tempo do que o esperado na mesma fase. Também pode ocorrer o contrário: crianças que surpreende, ao demonstrar habilidade na aquisição da oralidade.

De acordo com o processo normal do desenvolvimento, pode-se estender o prazo de aquisição quase que completa para até seis meses além do que é esperado para aquela faixa etária, sem considerar que a criança tenha um atraso. Vale lembrar que o ser humano continua desenvolvendo a linguagem oral por toda a vida, mas há um prazo estipulado para que a linguagem oral seja adquirida, onde o desenvolvimento sensório-motor e cognitivo acontecerão paralelos à esse processo.

A seguir, há uma tabela proposta por Lenneberg (1964) que apresenta uma base do que é esperado para cada etapa do desenvolvimento. O marco para cada etapa está resumido nela.

DESENVOLVIMENTO PÓS-NATAL DAS FUNÇÕES BÁSICAS DA LINGUAGEM

Idade aproximada	Funções sociais e linguísticas básicas
3 meses	Direciona a cabeça para a voz quando pronunciada, emite respostas vocais à fala de outros e começa a balbuciar ou cantarolar sons silábicos com ritmo.
4 meses	Começa a variar o tom das vocalizações e imita sons.
6 meses	Começa a imitar os sons. Suas produções linguísticas lhe dão prazer.
9 meses	Começa a transmitir significado pela entonação, usando padrões que se assemelham

	às entonações dos adultos. Nessa fase, a criança demonstra intenção comunicativa, respondendo com balbucios às conversas começadas pelos adultos.
12 meses	Começa a desenvolver um vocabulário. Um bebê com 12 meses de idade apresenta vocabulário de cinco a dez palavras que irá dobrar nos próximos seis meses. Já compreende algumas palavras familiares e controla melhor suas vocalizações.
18 meses	Acontece uma generalização para alguns campos semânticos, como por exemplo: todos os animais são chamados de “au-au”. Já compreende mais as palavras ditas pelos adultos. Consegue emitir uma frase com dois elementos.
24 meses	O vocabulário se expande rapidamente e pode ter entre 200 e 300 palavras. Nomeia os objetos mais comuns de todos os dias. Existem as primeiras flexões para o uso do plural, as negações e as interrogações.
36 meses	Possui um vocabulário de 900 a 1.000 palavras. Constrói sentenças simples com 3 a 4 palavras (sujeito e verbo), como “Pedro quer pão”. Realiza flexões de gênero. Começa a usar pronomes e artigos.
4 anos	Possui um vocabulário de mais de 1.500 palavras; faz muitas perguntas e as sentenças ficam mais complexas. A criança já se mostra criativa para fazer uso da língua que aprendeu. Comum apresentar erros na flexão dos verbos irregulares. Começa a fazer frases usando o tempo verbal no futuro.
5 anos	Normalmente, possui um vocabulário de cerca de 1.500 a 2.200 palavras. Discute sentimentos. Entre cinco e sete anos, a média indica habilidade de leitura lenta, mas fluente; a escrita provavelmente também é lenta nessa fase. Flexiona o verbo de forma correta.
12 anos	Possui vocabulário de mais de 50 mil palavras.

FIGURA 1: Lenneberg (1964)

Assim, cada vez que a criança testa essa compreensão, aperfeiçoando-a, surge novas associações em busca de significados e contextualização para a sua fala. Martins (2008) aponta que elas vão construindo o seu repertório verbal por aproximações sucessivas, ou seja, quanto maior for sua exposição ao grupo, mais ampliadas estarão as suas capacidades de expressão.

Portanto no primeiro ciclo da Educação Infantil é importante ampliar o trabalho com a oralidade tendo como objetivos as principais capacidades a serem desenvolvidas. Entre elas podemos citar: escutar, pronunciar palavras e frases, compreender enunciados, participar de situações comunicativas.

7. MÚSICA E ORALIDADE

O homem, desde a antiguidade, sempre teve uma estreita relação com a música; e sua presença na humanidade é incontestável, pois ela tem acompanhado o homem ao longo da história, exercendo as mais variadas funções e reações.

A música é uma linguagem universal, acessível a todas as culturas, presente em todas as regiões do mundo, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço acompanhando o homem em praticamente todos os momentos da sua trajetória. É usada com diferentes propósitos durante o curso da história humana, na saúde, no lazer, na religião, no campo afetivo e emocional. “A expressão sonora é inseparável da vida na maioria das culturas” (TUGNY e QUEIROZ, 2006, p.335), já que ela é o veículo ideal para a manifestação dos sentimentos humanos.

O corpo fala através do movimento e a música remete o corpo ao movimento, despertando no ser humano a vontade de se movimentar, de se entregar as vibrações do som e deixar-se levar pela sonoridade de um ritmo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil reforçam a importância da música, tratando-a inclusive como linguagem quando aponta que as práticas pedagógicas devem garantir experiências que favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

As crianças, mesmo as pequenas, sabem que dançar e cantar são atividades que estão associadas à música e buscam produzir com seu corpo movimentos que acompanham os ritmos e as melodias sugeridas nas canções que escutam. Portanto, a música, no trabalho com a oralidade, garante a ampliação do repertório de palavras, a boa educação rítmica e musical, além do equilíbrio, prazer e alegria.

A música faz parte da vida da criança desde muito cedo; ainda na fase uterina, as crianças já têm contato com o universo sonoro, sentindo os sons do corpo da mãe, sua voz e todo tipo de sons que a cerca. Quando nascem, os pais cantam, compram brinquedos sonoros, colocam seus CDs preferidos para distraí-las. Mais tarde ensinam a cantar e estes pequenos contatos com a música já exercem grande influência sobre as crianças.

Crianças que crescem ouvindo, cantando e “dançando” ao som das batidas de alguma música estão desenvolvendo o que Howard (1984) chama de “domínios

sensoriais”, sendo que a criança está exposta a uma vasta variedade de gostos, cheiros, texturas, cores e sons. E a criança que desfruta de um ambiente tão rico e variado está absorvendo mais do que apenas diversão, está desenvolvendo seu lado intelectual, uma personalidade diferente, mais rica, mais ampla.

A música é um elemento fundamental no que diz respeito à formação integral da criança. Ela começa a expressar-se de outra maneira e é capaz de integrar-se ativamente na sociedade, porque a música a ajuda a desenvolver autonomia em suas atividades habituais, assumir cuidado de si mesma e ampliar seu mundo de relacionamentos. À medida que a criança cresce e se desenvolve, outros tipos de brincadeiras, cada vez mais dinâmicas e diversificadas, vão ampliando os seus referenciais auditivos, num processo contínuo. Nesse sentido, os jogos ritmados, próprios dos primeiros anos de vida, são fundamentais para o desenvolvimento sensório-motor da criança e devem ser trabalhados e incentivados na escola.

O processo de musicalização da criança acontece de forma natural e espontânea, o que a leva a estabelecer de forma mais tranquila a relação com os adultos e outras crianças, quando cantam ou tem algum outro tipo de contato com a música, além de contribuir para o seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e logo com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio de contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com adultos quanto com a música.” (Brito 2003, p.35))

Dessa forma é importante que se faça o uso da música, também, nos ambientes de aprendizagem da criança, levando-a a desenvolver suas potencialidades cognitivas, curiosidade, criatividade e interesse por tudo que será realizado na escola; e possibilitando que a mesma tenha maior poder de apropriação do mundo que a cerca e mais autonomia e respeito na relação com o outro.

8. DESENVOLVENDO O PLANO DE AÇÃO

O plano de ação foi realizado a partir da pesquisa bibliográfica e do projeto de intervenção. Os dados apresentados foram obtidos após observar o desenvolvimento da pesquisa com o grupo de crianças de 1 a 2 anos de idade por aproximadamente 5 meses (agosto a dezembro de 2011).

Os procedimentos metodológicos utilizados na implementação do Plano de Ação foram traçados a partir das rodas de conversas, histórias cantadas e encenadas, músicas diversificadas, brincadeiras de imitação de adultos, vocabulário ilustrado, manuseio de revistas e livros diversos, transmissão de recados, entre outros.

Uma das situações observadas a partir das quais foi possível diagnosticar o desempenho das crianças e desenvolver as atividades planejadas para o plano de ação, foi a roda de conversa realizada diariamente. Foram momentos importantíssimos de tempos e espaços interlocutivos que se desenvolveram por meio da conversação. E, segundo Marcuschi (2006, p. 14), “a conversação é a primeira forma de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora. É o gênero básico da interação humana.” E é perceptível que este é o gênero que o ser humano utiliza na maior parte de suas atividades durante a vida.

Foram priorizadas as cantigas populares, buscando a participação das famílias, convidando-as para apresentar uma cantiga que fizesse parte do repertório de música da sua infância.

O tema escolhido foi “Ciranda Musical: O Despertar da Oralidade” com o objetivo geral de investigar a presença da música nas práticas pedagógicas e sua importância no cotidiano escolar. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a música e sua influência sobre as crianças, além de uma pesquisa de campo descrita a seguir:

A pesquisa de campo foi realizada na UMEI – Aarão Reis. A opção pela instituição é pelo fato de a pesquisa/intervenção ter como objetivo o desenvolvimento da oralidade, porque a autora desse projeto estava trabalhando nesta instituição com o primeiro ciclo da educação infantil, etapa em que a oralidade

é uma das principais linguagens responsável por mediar às relações que se desenvolvem na turma.

O instrumento utilizado foi a observação com foco na reação das crianças no cotidiano da sala e nos momentos em que foram feitas as experiências com músicas; inclusive as músicas apresentadas por elas através de CDs e DVDs. As ações das crianças diante dos objetos e nos momentos das brincadeiras também foram observadas com o intuito de ampliar as informações para os objetivos específicos do estudo em questão.

Os procedimentos se deram a partir das ações desenvolvidas com as crianças. A maioria das atividades prolongou-se durante toda a semana. Os procedimentos estão detalhados no quadro abaixo:

Data	Ação	Finalidade	Materiais
Agosto	Em roda, a professora pôs em pauta o assunto a ser trabalhado: a voz, de diversas formas: a partir da escuta da voz de cada um, percebendo as características e diferenças entre elas; por meio de brincadeiras com caretas, em que cada aluno faz uma careta com som e os outros o imitam.	O importante foi que nessa primeira etapa todos exploraram as várias possibilidades sonoras de sua voz, usando e abusando dos movimentos faciais.	Máscaras diversas.
Agosto	Em roda, foi escolhida coletivamente uma palavra para ser falada por todos. Utilizando um gravador foi gravada a voz de cada um, falando a palavra combinada anteriormente. Em seguida, a gravação foi ouvida e procurou-se identificar a voz de cada aluno.	Nesta atividade foi possível desenvolver a percepção do timbre, pesquisa do som das vozes e criatividade.	Gravador.
Agosto	Foram escolhidas algumas gravuras de animais cuja voz era fácil de imitar. Essas gravuras foram apresentadas e as crianças imitavam os animais através do corpo e da voz.	Com esta atividade foi possível trabalhar a percepção da altura do som.	Gravuras de animais.

Agosto	Escolha de uma gravura de animais expostos na aula anterior. Cada criança cantou uma cantiga popular conhecida referente ao animal escolhido	A atividade foi de grande importância para desenvolver a reflexão, a habilidade de argumentação e expressão verbal.	Gravuras de animais.
Setembro	Foi digitada a música cantada por cada criança. Explorou-se um pouco mais a linguagem plástica utilizando as mãos das crianças e tinta para pintura dos animais referidos nas músicas. Com esta atividade foi confeccionado um livro de música.	A tarefa aqui proposta possibilitou o desenvolvimento do trabalho artístico e a concentração.	Tintas de diversas cores, papel com as cantigas escritas e o próprio corpo para realização da pintura.
Setembro	Na rodinha foi apresentada às crianças uma caixa colorida, para que fossem levantadas hipóteses sobre o conteúdo da caixa, com a ajuda de pistas. Depois a caixa foi aberta e as crianças puderam visualizar alguns objetos que produzem sons.	Apresentar às crianças diversos instrumentos musicais permitindo sua exploração.	Flauta doce, pandeiro, pau de chuva, tambor, triângulo, chocalhos confeccionados com materiais recicláveis, tampas de painéis, colheres, painéis, latas, pedaços de cabo de vassoura.
Setembro	Na rodinha as crianças tiveram a oportunidade de dizer o que acharam dos instrumentos musicais e qual a utilidade deles.	Ouvir a opinião das crianças sobre os objetos apresentados a elas.	Flauta doce, pandeiro, pau de chuva, tambor, triângulo, chocalhos confeccionados com materiais recicláveis, tampas de painéis, colheres, painéis, latas, pedaços de cabo de vassoura.
Setembro	Foi proposto as crianças ouvirem diversos tipos de músicas (músicas clássica, infantis, etc.)	Perceber que tipo de música chama mais atenção das crianças.	Aparelho de som e CDs diversos.

Outubro	Na rodinha, foi proposto às crianças fechar os olhos e prestar atenção nos sons que estavam ouvindo.	Estimular a capacidade de ouvir e se concentrar.	O corpo.
Outubro	Na hora do sono foi colocado para as crianças um Cd de músicas clássicas para ouvirem.	Perceber a música como uma atividade de prazer e relaxamento.	Aparelho de som e CD.
Outubro	Neste dia foi entregue às crianças vários objetos.	Produzir som	Caixas de diversos tamanhos, pedaços de cabos de vassouras, tampas de painéis, chocalhos, etc.
Novembro	Brincadeira: Estátua	Parar como estátua quando a música parar de tocar.	Aparelho de som e CDs.
Novembro	Apresentação realizada pelos pais de músicas diversas que lembram sua infância; a partir de um convite realizado pela professora regente do projeto e os alunos participantes.	Apreciação.	O corpo e diversos instrumentos que os pais utilizaram para incrementar a proposta.
Novembro	A proposta feita às crianças foi que imitassem a professora.	Combinar sons e silêncios de duração.	O corpo, tampas, pedaços de cabo de vassoura.
Novembro	Imitar os sons.	Perceber o som de cada instrumento.	Pandeiro, pau de chuva, chocalho, flauta doce, triângulo.
Dezembro	Apresentação à comunidade do livro de música confeccionado pelas crianças e entrega dos mesmos aos pais.	Apreciação da apresentação das crianças que utilizaram da voz e de instrumentos diversos na apresentação do repertório musical apresentado no livro confeccionado em sala.	Diversos instrumentos musicais e o corpo.

9. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este Plano de Ação priorizou as atividades realizadas com música, tendo em vista também a importância que a musicalidade tem ou apresenta no desenvolvimento oral nesta faixa etária. Durante todo o tempo de execução, a autora desse trabalho se posicionou como sujeito que participa junto com as crianças, estando na maioria das vezes, na posição de ouvinte. As crianças faziam perguntas e davam respostas sobre os assuntos tratados, e em momento algum, a autora se colocou como alguém que determinava se as respostas estavam corretas ou não.

Nas músicas cantadas e em histórias encenadas, foi possível perceber o quanto as crianças se soltam, se apropriam e recriam palavras. Elas demonstraram grande interesse pelas atividades realizadas em sala, foram participativas no decorrer das experiências e se apropriaram dos objetos sonoros para produzirem seus próprios sons. No início apenas um barulho, sem nenhuma preocupação, depois a tentativa de acompanhar o ritmo de alguma música cantada. Agora qualquer coisa é um objeto sonoro, os brinquedos transformaram-se em produtores de músicas.

Através das atividades musicais, foi notado que é possível promover a socialização e as trocas de aprendizagem. A prática educativa associada à linguagem musical apresentou maior significação para o desenvolvimento da oralidade, cognição e a interação entre as crianças.

A música, especificamente, estimulou o aprendizado e teve o poder de despertar a criatividade e a atividade infantil. Ela auxiliou as crianças no desenvolvimento de suas potencialidades, ajudando a usar o próprio corpo como meio de comunicação e expressão. A partir dela se alcança diversos objetivos como: a melhoria da linguagem, da coordenação, da percepção auditiva, rítmica, das orientações temporal e espacial, do equilíbrio e, principalmente, da comunicação; além de despertar nas crianças o gosto de cantar, dançar e melhorar ou acelerar o seu desenvolvimento educacional.

Nesse sentido, o Projeto Ciranda Musical: O Despertar da Oralidade, foi uma experiência harmônica na sala de aula destacando a importância de se trabalhar a música aliada ao desenvolvimento da oralidade, pois promoveu momentos de descontração e socialização.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desse trabalho, que foi compreender como as práticas educativas dos professores no contexto da Educação Infantil privilegiam a linguagem oral, foi alcançado por meio da interação entre a análise teórica e a prática realizada através da elaboração um plano de ação que teve como foco a importância da música no desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil.

Os resultados demonstram a importância da estimulação da linguagem oral na escola e o quanto ela tem grande influência na construção da identidade das crianças, apropriação do próprio corpo e da autonomia na relação com o outro. É uma forma de experiência cultural e social que se inicia no útero e se potencializa nas experiências sociais que são mediadas pela palavra.

Com as crianças a autora desse projeto aprendeu que a música não serve só para cantar e ouvir, mas para se sentir e se expressar. Trabalhar com as crianças é compensador, com criança e música é certeza de alegria e diversão. Música e oralidade aparecem como formas de manifestação para a energia humana que busca vazão, extravasamento, para a necessidade própria do ser humano de expressão e de comunicação.

Assim, foi possível perceber que a música mobiliza a criança para uma sensação abstrata, uma sensação que vai dar subsídios para ela entender o mundo, entender as emoções. Trabalha a concentração e é um importante instrumento de socialização, em especial na escola.

Ao participar de uma brincadeira de roda, por exemplo, a criança consegue vivenciar, de forma lúdica, diferentes situações da vida cotidiana, como perda, escolha, dúvida, amor, tristeza, o que contribui para que ela consiga lidar com o mundo ao seu redor. E não é só com instrumentos musicais tradicionais que se faz música, pois como foi verificado no projeto desenvolvido, é possível usar outros objetos, na intenção de obter sons e ritmos.

Como a música é uma das melhores formas lúdicas de aplicar cultura, criatividade e imaginação, espera-se que esse trabalho seja só o começo de muitos outros que possam ser escritos e compartilhados a fim de enriquecer o repertório acadêmico e o trabalho pedagógico na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Berenice de. **Encontros musicais: pensar e fazer música na sala de aula**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes, **Planejamento da alfabetização: capacidades e atividades**. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Belo Horizonte, SMED, 2009.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069\90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA, 1991.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394\96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC\SEF, 1998. V. 1: Documento Introdutório; v. 2: Formação Pessoal e Social; v. 3: Conhecimento de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE|CEB Nº 20|2009, de 11 de novembro de 2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE|CEB Nº 05 de dezembro de 2009**. Fixa as diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil, propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003. 204p.

BUSSATO, Cléo. **Práticas de oralidade na sala de aula**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CURTO, Rosa M.; ROCA, Núria. **Arte é... Música, dicas de atividades e orientações complementares**. 1 ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2003. 40p.

FONTEERRADA, Marisa Trech de Oliveira. **De tramas e fios, um ensaio sobre música e educação**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Funarte, 2008. 364p.

GOULART, Maria Inês Mafra. **Infância(s): crianças de 0 a 6 anos e suas especificidades**. Belo Horizonte: UFMG|PROEX, 2008.

HONORA, Márcia: **Dificuldades na Linguagem**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. (Coleção fono na escola).

HOWARD, Walter. **A música e a criança**. São Paulo: Editora Summus Editorial, 1984. 120p.

LENNEBERG, Eric Heinz. **A capacidade da aquisição da língua**. Fodor, Jerry e Jerrold Katz, eds. 1964.

MAIA, Eleonara Motta. **No reino da fala a linguagem e seus sons**. 3 ed. São Paulo. Editora Ática, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MARTINS, Maria Silvia Cintra. **Oralidade, escrita e papéis sociais na infância**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008 – (Série gêneros e formação).

OLIVEIRA, Z. Mello, A. Vitória, T. Ferreira, M.C. **Creches: crianças, faz de conta & cia**. RJ: Vozes, 1992.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS



FIGURA 2: UMEI Aarão Reis.

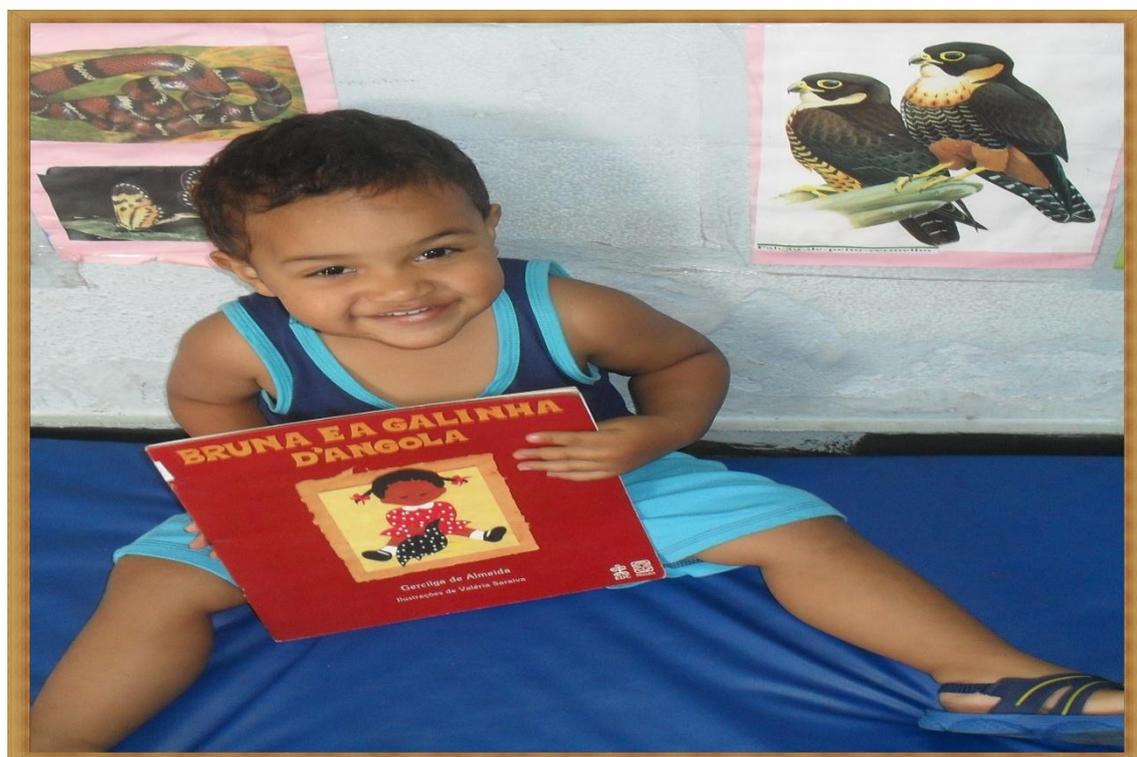


FIGURA 3: Aluno fazendo reconto de história.



FIGURA 4: Aluno manuseando livro e identificando os animais.



FIGURA 5: Apresentação Teatral.



FIGURA 6: Socialização e interação – Atividade livre.



FIGURA 7: Trabalho de Artes: Construção do livro de música.



FIGURA 8: Cantar e dançar.



FIGURA 9: Apresentação musical.



FIGURA 10: Conhecendo os instrumentos musicais.



FIGURA 11: Ciranda musical.



FIGURA 12: Momento de expressão e descontração.



FIGURA 13: Música como acalanto. Hora do sono.